

## **AFRICANIDADE EM NÓS:**

### **Relato de experiências e práticas de cuidado em Psicologia**



**Débora Elianne Rodrigues de Souza**

*deboraelianne@gmail.com*

Psicóloga, Mestre em Educação: Psicologia da Educação pela PUC/SP e extensão acadêmica em Africanidades, Literatura Infantil e Circularidades – Batuclagem Diversas pela UFABC e Práticas Psicoeducativas em Instituições e Comunidade - COGEAE/PUC/SP. Atualmente é especializanda em Psicologia Clínica Fenomenológica e Existencial pelo NUCAFE- Núcleo de Clínica Ampliada Fenomenológica Existencial

**AFRICANIDADE EM NÓS: RELATO DE EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS DE CUIDADO EM PSICOLOGIA.**

**AFRICANITY IN US: REPORT OF CARE EXPERIENCES AND PRACTICES IN PSYCHOLOGY.**

**LA AFRICANIDAD EN NOSOTROS: INFORME DE EXPERIENCIAS Y PRÁCTICAS DE ATENCIÓN EN PSICOLOGÍA.**

Há algum tempo tenho sido provocada a escrever algo do ponto de vista acadêmico, sobre a clínica psicológica e a oferta de cuidado e atenção em saúde mental da população negra.

Confesso que por ter uma trajetória profissional construída principalmente no âmbito das políticas públicas sociais, tal escrita, nunca apareceu a mim como prioridade, visto que em tais contextos, às emergências da vida cotidiana tendem a demandar ações específicas, que de algum modo, perante problemas concretos do viver (fome, frio, desabrigo, entre outros), possam garantir o mínimo de dignidade para uma população, que vive em uma sociedade tão excludente e desigual em direitos e oportunidades.

Assim, escrever sobre práticas psicológicas de cuidado e atenção destinados à população negra, neste momento da minha vida e neste formato específico, me faz pensar antes de qualquer coisa, acerca da minha relação com a área clínica na psicologia e o quanto algumas vivências pessoais, foram fundamentais para que eu pudesse publicizar a narrativa dessas experiências a partir de um lugar de potência e criação, ao mesmo tempo em que reconheço de forma crítica e reflexiva, as práticas de violência promotoras das relações de adoecimento e desigualdades históricas e sociais que marcam a trajetória da população negra no Brasil.

Deste modo, nas linhas que seguem, busco compartilhar um pouco do caminho percorrido, modo como esta trajetória foi me apresentando horizontes e subsídios para a construção de outros modos de pensar e realizar práticas psicológicas e, como esses movimentos foram me aproximando das demandas relacionadas a saúde mental da população negra e a re-descoberta da perspectiva educativa como possibilidade de prática de cuidado e libertação no contexto clínico.

### **O caminho percorrido:**

#### **Brasil-África-Brasil, ancestralidade e a força transformadora do encontro com a história que não foi contada.**

No prefácio da versão brasileira do livro *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra* (2019), ao refletir sobre o processo de escrita da filósofa Bell Hooks, a historiadora Mariléa de Almeida, nos apresenta, o conceito de *autorregulação*, que a partir da escrita de Bell Hooks, pode ser compreendido como “quando trabalhamos para reunir os fragmentos do ser, para recuperar nossa história” (p10).

Provocada por este horizonte, nesta parte deste relato de experiência, faço a opção por compartilhar de forma descritiva vivências pessoais específicas, que me levaram a posicionamentos e construção de intervenções que, atualmente, venho desenvolvendo em diferentes contextos de possibilidades de práticas psicológicas.

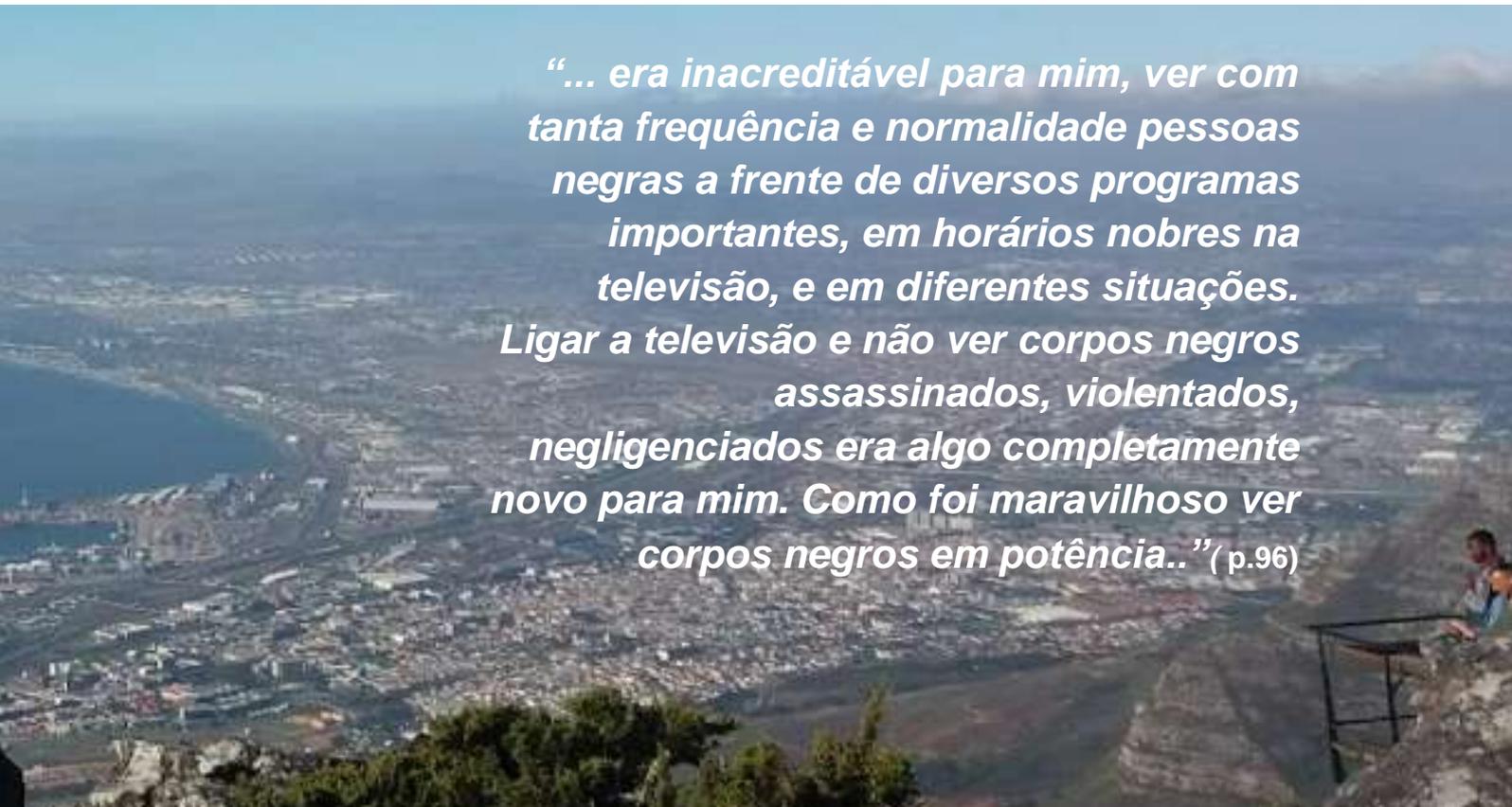
Começaremos então pelo processo que afetivamente chamei de “*giro decolonial pessoal e profissional*”, inicialmente marcado pelo planejamento de uma viagem para realização de um intercâmbio para aperfeiçoamento da língua inglesa.

No processo de pesquisa que fora marcado por muitos atravessamentos, me deparo com a possibilidade de realizar o intercâmbio em solo africano. Confesso que me surpreendi, afinal, ninguém nunca havia me contado que em alguns países africanos a língua inglesa era utilizada. Neste momento, me lembrei da reflexão levantada pela escritora Chimamanda Ngozi (2019), quando nos provoca a pensar sobre o perigo da história única e o poder que têm aqueles que detêm a caneta na mão e, portanto, escrevem e registram a história considerando o ponto de vista que lhes interessa.

No início da viagem, dentro da aeronave, acontece aquele que eu considero um dos momentos mais importantes desta travessia. Quando se iniciam as orientações de voos, eu levanto a cabeça e ao olhar para frente me deparo com uma imagem nunca antes sonhada - todas as aeromoças eram negras. Naquele momento, algo tão forte invadiu meu ser, que a única coisa que eu consegui sentir enquanto chorava, era a felicidade em saber que eu estava voltando para casa.



O que eu aprendi durante este voo? A expressão voltar para casa, muitas vezes chegou a mim, de mãos dadas com a seguinte compreensão, *“acabou a festa, chegou a hora de aceitar a realidade e voltar para casa, isto é, voltar para aquele lugar compreendido como território de inferioridades econômicas, sociais e culturais de onde você veio e ao qual só pode sair temporariamente e com autorização, justificando assim a utilização da famosa expressão ‘aqui não é o seu lugar’”*. Neste voo eu tive a certeza de que era possível e urgente conhecer outras perspectivas de compreender o retorno para casa, assim, ressignifiquei essa compreensão, como a possibilidade de reencontro com a existência negra, nossos modos de ser, nossos valores, sabedoria e equilíbrio.



*“... era inacreditável para mim, ver com tanta frequência e normalidade pessoas negras a frente de diversos programas importantes, em horários nobres na televisão, e em diferentes situações. Ligar a televisão e não ver corpos negros assassinados, violentados, negligenciados era algo completamente novo para mim. Como foi maravilhoso ver corpos negros em potência..”* (p.96)

Durante a conexão aérea, devido ao tamanho do aeroporto, fiquei um pouco perdida, todavia, quando olhei ao meu redor e vi muitas pessoas que se pareciam comigo, minha primeira reação foi tentar pedir ajuda. Claro que, estar perto de pessoas que esteticamente se parecem com você, pode não significar nada, todavia, o que me chamou a atenção foi o fato de que o meu primeiro pensamento foi a certeza de que elas poderiam me ajudar e eu não precisava ter medo.

Nesta hora, comecei a pensar - Será que é por causa disso que eu não tinha coragem de fazer perguntas na faculdade ou em tantos outros lugares que frequentei? Será que o fato de não ver pessoas esteticamente parecidas comigo, não me dava sensação de segurança para ao menos tentar?

O que eu aprendi nesta conexão aérea? Aprendi o significado vivencial do conceito de representatividade tão discutido pela Filósofa Djamila Ribeiro (2019). Aprendi que quando eu me vejo, independentemente do que vier a acontecer, as primeiras compreensões que tenho, partem de um lugar que me faz sentir capaz e segura, por isso, eu ousou tentar, no lugar de simplesmente aceitar e/ou silenciar.

Enfim, Cape Town, um pedaço do continente africano, que diferente de tudo que tinham me ensinado, se apresentou como um lugar que não era somente violência, miséria e safari, pelo contrário, eu descobri uma cidade naturalmente linda, que de tanta perfeição gestou em sua terra, uma das sete maravilhas naturais do mundo a *Table Mountain*. E se de um lado da cidade era possível ver montanhas diversas, de outro encontrei as praias mais perfeitas, sendo possível ainda, conhecer a colônia de pinguins da praia de Boulders. O solo africano também é habitado por pinguins. Você sabia disso?

A cada descoberta eu me perguntava, porque ninguém nunca tinha me falado sobre esta beleza que também é a história deste continente. Uma cidade em movimento, moderna, turística, histórica e viva. Visitei muitos lugares, conheci a Prefeitura da Cidade do Cabo, onde Mandela fez seu primeiro discurso após a liberdade, conheci museus, histórias, restaurantes, teatros e em cada lugar que eu entrava eu encontrava pessoas negras em lugares de potência.

Uma outra coisa que eu fiz durante esta viagem, foi tirar fotos da televisão, porque era inacreditável para mim, ver com tanta frequência e normalidade pessoas negras a frente de diversos programas importantes, em horários nobres na televisão, e em diferentes situações. Ligar a televisão e não ver corpos negros assassinados, violentados, negligenciados era algo completamente novo para mim. Como foi maravilhoso ver corpos negros em potência. O que eu aprendi com isso? O corpo negro não é somente um corpo destinado a atos violentos, ele é corpo potente que merece e deve ser amado e respeitado. Corpo dignificado.

Me lembro a surpresa ao entrar no Museum of Contemporary Art África, e ver como estavam retratados os personagens negros. As marcas do regime Apartheid, apesar de presentes em diversos pontos da cidade para que a história jamais seja esquecida, não permitiu que a existência negra fosse reduzida a este tempo e, dentro do museu o que abrilhantava os olhos de toda gente, era a explicitação da beleza e da potência negra.

Sabe o que eu aprendi com isso? Aprendi que tão importante quanto conhecer a história de dominação e violência de brancos contra negros, é ter o direito de conhecer a história criada e vivida pela população negra antes do encontro com os colonizadores e para além deles. A ideia de que “nossos passos vêm de longe”, é real. Nossa potência não foi forjada na experiência da dor, nossa potência é originária e ancestral.

Nesta imersão vivencial de reposicionamentos de sentido de viver, fui sendo completamente alimentada pelos nutrientes advindos do solo africano e, assim, compreendi que nossa fala importa, nossas escritas são valiosas, nossa inteligência é real, nossa criatividade não é amadora e que nossos cantos são diálogos com a natureza que de tão refinados, sustentam e preservam a nossa história, nossas crenças diversas e o nosso modo plural de ser no mundo.

No processo de renascimento, a memória sustentadora grita e exalta a beleza da nossa cor, do nosso cabelo e de tudo que nos constitui. Neste caminho, eu sentei aos pés do Baobá e aceitei o compromisso de, no retorno, criar e ser espaço de cuidado apesar do caos, falar de amor apesar da dor e, evidenciar potências negras apesar das contínuas vivências de limitações, negação e apagamentos.

África ressurgiu em mim e eu ressurgi em África.

### **Da experiência vivida à construção da encruzilhada metodológica suleadora da práxis de cuidado em Psicologia.**

A caminhada para a liberdade exige de nós uma organização não ingênua e composta por muitas frentes compromissadas com questões diversas em busca de um objetivo comum, a saber, frente de denúncia, proteção, luta, emancipação e também a frente do cuidado e atenção, lugar onde eu escolhi habitar.

Nesta parte deste relato procuro compartilhar de forma muito breve, caminhos possíveis e que podem servir como fundamentos de práticas psicológicas de cuidado e atenção ao privilegiarem um olhar pluriversal, tal como, apresentado por Noguera (2014), ao nos ensinar que a pluriversalidade nos convida a pensar usando a tática da inclusão - “isso e aquilo” (p. 33 e 34).

Para isso, importa dizer que neste caminho que segue em movimento, venho me aproximando de pensamentos e cosmovisões, que ao sofrerem daquilo que a filósofa Sueli Carneiro (2005) conceitua como epistemicídio, isto é, as contínuas tentativas de aniquilamento e subalternização de saberes outros, seguem se apresentando como solo fértil capaz de tornar possível a nossa saída deste processo coletivo de invisibilidades, adoecimentos e morte.

Em Paulo Freire (1997), busquei o alicerce do esperar, que, enquanto verbo, precisa da prática para tornar-se concretude histórica.

Para não cair na armadilha do posicionamento e das ofertas de cuidados ingênuos, tive um diálogo tenso e intenso com a filósofa Vilma Piedade (2007), que ao me re-situar no contexto brasileiro, lembrou que diariamente o “... Racismo declara, de forma ora sutil, ora agressiva, violenta...Não..vocês não São...” (p.20). Eis o desafio colocado diariamente para alguém, que segue insistindo em viver.

O diálogo com Krenak (2019) abriu horizontes de esperança e reflexão, ao enfatizar que apesar dos processos de esvaziamento e intolerância que perpetuam as dinâmicas atuais, o mundo ainda está cheio de pequenas constelações de gente que insiste em dançar, cantar e fazer chover.

Encontrar esta gente que canta, tornou-se um grande objetivo, possível de ser concretizado por diversas vias, a saber; o reencontro com colegas de profissão e outras áreas dispostos a trabalhar para fazer chover em um mundo dominado pela seca, a realização do curso de extensão teórico-vivencial - Africanidades, literatura infantil e circularidade, oferecido pela Universidade Federal do ABC/SP e, o encontro com profissionais da Psicologia vinculados à ANPSINEP - Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es), em espaços acadêmicos e de trocas de conhecimentos, que foram capazes de alimentar e amplificar a nossa voz, trazendo a certeza de que jamais estaremos sozinhas.

Também fizeram parte desta encruzilhada pluriépistêmica, entre outros, às reflexões realizadas junto a filósofa Katiúscia Ribeiro em seus cursos sobre filosofia africana e os solares encontros com Aza Njeri a partir da filosofia kindezi, que entende que todo ser humano é um sol vivo, sendo, portanto, tarefa da comunidade ascender este sol.

### **Da encruzilhada metodológica à perspectiva clínico-educativa em Psicologia no processo de cuidado e atenção à saúde mental da população negra.**

Tendo como referência, tudo que foi explicitado até o momento, citarei aqui, de forma resumida, algumas práticas de cuidado em psicologia, onde estive presente de forma direta ou indireta, com a ressalva de que cada passo apresentado, só se tornou possível em decorrência da presença e ação contínua do coletivo.

O encontro e o trabalho realizado junto às psicólogas da Coletiva Roda Terapêutica das Pretas, foi uma grande oportunidade de levar para diferentes periferias da cidade de São Paulo oficinas terapêuticas destinadas às mulheres negras moradoras de uma região periférica da cidade de São Paulo. A cada encontro de cuidado que incluía revisitar, acolher e validar lugares de dor, com o compromisso de criar lugares de cuidado e portas de saída apesar do caos, também tínhamos como estratégia, compartilhar diferentes horizontes para pensar a existência negra com dignidade, a saber, músicas, intervenções psicodramáticas, poesias, livros, vídeos, compartilhamentos de relatos pessoais, parcerias para atendimento de demandas específicas relacionadas a fome e frio, entre outros.

Com objetivo de garantir a participação das mães, desde a divulgação da atividade, foi evidenciado o nosso olhar para as crianças a partir da oferta de um espaço nomeado, não oficialmente, de roda terapêutica das pretinhas e pretinhos, inaugurado com a leitura compartilhada do Livro Nós de Axé / *Janaina de Figueiredo*.

O Projeto Conversas Salubá, por sua vez, nasceu de um movimento ousado, dentro dos espaços de terreiros de Umbanda e Candomblé.

O projeto inicial se desdobrou em dois e, neste sentido, implantamos as Conversinhas Salubá, que ao oferecer um espaço de cuidado para as crianças, também tinha o cuidado de dialogar de forma lúdica questões referentes a religiosidade afro-brasileira a partir do questionamento das mesmas, diante da visualização das imagens dispostas no espaço do terreiro de Umbanda onde ocorriam os atendimentos. Partimos do pressuposto de que toda religiosidade importa, principalmente quando ela contém em si valores civilizatórios de uma população.

Enquanto isso, no espaço de terreiro de Candomblé acontecia o grupo terapêutico Mulheres de Axé, uma roda de cuidados e afetos, que suleada por uma escuta psicológica fundamentada em uma atitude de abertura e respeito, oportunizou o aparecer e o compartilhar de saberes originários e ancestrais. Todo cuidado importa porque nossas histórias são diversas.

Fazer-se presente em rodas de conversas realizadas em diferentes espaços comunitários e acadêmicos, também surgiu como uma possibilidade de práxis clínico-educativa. A força da nossa história narrada pela nossa voz acende o sol da nossa comunidade, e como disse o rapper Emicida em seu álbum amarelo - *“Tudo que Nós tem É Nós!”*

E em tempos de redes sociais, não poderia deixar de falar da realização da *1ª Série de Lives: A esperança é preta também!* Nesta ação, profissionais negros da psicologia, foram convidados com objetivo de compartilhar suas histórias e trajetórias no processo de formação acadêmica e prática profissional. Os espelhos foram apresentados.

Por fim, e em constante transformação, acontece o nascimento e estabelecimento de uma clínica psicológica compromissada com questões raciais e de gênero, na esfera dos encontros terapêuticos e da supervisão em psicologia. Trata-se de um espaço de aprendizados, conscientização, compartilhamentos, reposicionamentos, espelhos refletores, aceitação do cuidado e do direito de ser amada. Apresenta-se aqui, uma perspectiva de prática alicerçada em pressupostos horizontais, outros modos de fazer travessias terapêuticas que consideram a importância de compreender que não há nada possível de ser feito para Nós sem Nós!

Por fim, cabe salientar que nesta perspectiva, o caráter indissociável da práxis clínico-educativa, se apresenta como postura fundamental, ao entender que qualquer proposta de cuidado e libertação, perpassa obrigatoriamente pelo conhecimento da história que ainda não foi contada, a vivência do processo de tomada de conscientização com todos seus afetos e, por fim, a coragem do processo de criação que reconhece o direito ao cuidado ao mesmo tempo em que promove libertação.

Neste processo de despertar de lembranças, ainda temos muito a compartilhar o que significa dizer, que este artigo, descreve apenas o início de uma jornada compromissada com a re-criação dos nossos passos e práticas de cuidado e atenção.

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli; FISCHMANN, Roseli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- FREIRE, Paulo Freire. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- HOOKS, Bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- NOGUEIRA, Renato. *O ensino de Filosofia e a Lei 10,639*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas: Biblioteca Nacional, 2014.
- PIEIDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós, 2013.
- RIBEIRO, Djamila. *Lugar de Fala*. São Paulo: Pólen, 2019.

## COMO CITAR ESTE TEXTO

Souza, D.E. R. (2021). Africanidade em Nós: Relatos de experiências e práticas de cuidado em psicologia. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, v. 07, n. 02, 89-102.

RECEBIDO EM: 17/06/2021  
APROVADO EM: 11/10/2021